

## **E habitarei no meio deles: Um estudo sobre as diversas formas de sacrários**

*And I Shall Dwell Among Them:  
A Study of the Various Forms of Tabernacles*

D. MAURO MAIA FRAGOSO, OSB\*  
JÉSSICA COSTA FERNANDES PEREIRA\*\*

**Resumo:** O texto analisa função, formas e símbolos presentes nos sacrários contextualizando-os no tempo e no espaço. Tratando-se de um bem integrado e objeto litúrgico do culto cristão, o sacrário está diretamente relacionado à ação humana. Neste sentido, a trama literária acaba por envolver outras áreas do conhecimento humano como a liturgia, a teologia, a historiografia, a geografia e a espiritualidade. Pelo aspecto historiográfico, o tema remonta ao culto veterotestamentário como prefiguração e preparação para o culto cristão. Neste sentido, o Templo e a Arca da Aliança são tomados como figuras do tabernáculo eucarístico, uma vez que o Templo e a Arca abrigam elementos do culto judaico como prefiguração do Messias esperado. Por outro lado, uma das formas encontradas nos tabernáculos foi a da pomba. Esta, por sua vez, remonta à pomba abrigada pela Arca de Noé, que haveria de ser a anunciadora de uma nova era pela encarnação do Verbo. Dentre outras formas abordadas, encontra a Torre como símbolo de fortaleza e proteção régia. Pelo aspecto semiológico, essa forma se remete a Jerusalém celeste como morada definitiva do povo cristão, ou ainda à Maria como a Torre de Davi, invocada na ladainha lauretana. Independentemente das formas recebidas ao longo dos tempos, os gostos de épocas e do espaço, a finalidade do sacrário é abrigar a reserva eucarística e servir como lugar de encontro entre Deus e os homens.

---

\* Dom Mauro Maia Fragoso OSB é doutor em Geografia na linha de pesquisa Natureza e Cultura, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Artes Visuais na linha de pesquisa História e Crítica da Arte, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: [maurofragoso@gmail.com](mailto:maurofragoso@gmail.com)

\*\* Jéssica Costa Fernandes Pereira é museóloga pela UNIRIO e especialista em História da Arte Sacra pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: [jessicacfernandes@live.com](mailto:jessicacfernandes@live.com)

**Palavras-chave:** Sacrário. Culto. Eucaristia. Forma. Lugar.

**Abstract:** The text analyses the function, forms and symbols in tabernacles, contextualizing them in time and space. Being a kind of integrated property and liturgical object of Christian worship, the tabernacle is directly related to human action. In this sense, the literary plot ends up encompassing other areas of human knowledge such as liturgy, theology, historiography, geography and spirituality. From the historiographic perspective, this topic goes back to the Old Testament worship as a prefiguration and preparation for Christian worship. In this sense, the Temple and Ark of the Covenant are assumed as figures of the Eucharistic tabernacle, since the Temple and the Ark contain elements of the Jewish cult as prefiguration of the expected Messiah. On the other hand, one of the forms found in the tabernacles was the dove. In its turn, it points back to the dove sheltered by Noah's Ark, that would be the herald of a new era by the incarnation of the Word. Among other shapes, the Tower is seen as a symbol of strength and royal protection. From the semiological perspective, this form refers to the Heavenly Jerusalem as the ultimate dwelling-place of Christian people, or to Mary as the Tower of David, invoked in the Laurentian Litany. Regardless of the forms received over time, the tastes of certain ages and spaces, the purpose of the tabernacle is to shelter the reserved sacrament and serve as a meeting place between God and men.

**Keywords:** Tabernacle. Cult. Eucharist. Shape. Place.

## Introdução

Segundo Paul Claval (2008), a evolução das sociedades e das culturas é um processo que leva tempo para que as pessoas aproveitem ao máximo o seu potencial. Transpondo o pensamento de Claval para o cristianismo, foi isso o que se deu na formação da espiritualidade cristã. Quando o Cristo disse a seus discípulos que haveriam de comer a sua carne, muitos deles se afastaram (Jo 6, 53ss). Este foi um momento decisivo para a sobrevivência do cristianismo. Foi a partir dos que ficaram fiéis a Ele que se desenvolveu o cristianismo como credo religioso. Depois de acreditarem nele, Jesus convidou-os para a ceia pascal e, como memorial histórico das maravilhas que Deus havia realizado em meio a Israel, ofereceu-se a si mesmo. Contudo, ao instituir a Eucaristia, a partir da tradicional ceia da Páscoa judaica, o Messias substituiu a carne e o sangue do cordeiro pelo pão e pelo vinho. Assim no memorial instituído por

Cristo, no qual Ele mesmo como sacerdote, ofereceu-se a si mesmo como altar, sacrifício e vítima, já não é mais necessário o sangue de bode e de novilhos, pois Ele mesmo imolou-se de uma vez por todas (Hb 9).

Imolando-se de uma vez por todas, a celebração Eucarística é a atualização do Sacrifício, repetido até que Ele venha (1Cor 11, 26). Na mesa do altar, o sacerdote consagra as espécies do pão e do vinho, que se tornam verdadeiramente Corpo e Sangue de Cristo. Tal ato já era prefigurado na Antiga Aliança, quando, de acordo com as divinas prescrições, ao cair da tarde, um cordeiro sem defeito deveria ser imolado ao Senhor, como oferta do povo hebreu. Também havia sido prescrita a construção do Santuário e da Arca da Aliança, onde Deus habitaria e se faria presente no meio deles.

Neste artigo, o sacrário é abordado em comparação ao Templo de Jerusalém, estabelecido como fortaleza e morada de Deus, em comparação à Arca da Aliança que continha, em um vaso com o maná, o pão descido dos céus, como prefiguração da Eucaristia. Para tanto, faz-se necessário recorrer à história e à geografia, no intuito de situar o evento salvífico que envolve pessoas, tempo e lugar. Pela teologia procura-se entender os mistérios da divindade revelados à humanidade. Pela liturgia procura-se compreender o desenrolar das celebrações cristãs. Tudo isso em linha contínua, remontando à teofania na sarça ardente (Ex 3-4), como princípio da divina revelação. Além das funções de guardar e expor a Eucaristia, o artigo aborda ainda o papel simbólico e evangelizador que o sacrário exerce na espiritualidade dos fiéis.

### **Sacrário – morada de Deus entre os homens**

De acordo com Augé (2013), o termo *liturgia* tem origem no grego *leitourghía* que, traduzido literalmente, significa: *serviço diretamente prestado para o bem comum do povo*. No Antigo Testamento, aplicava-se o termo para designar o culto oficial realizado no templo pelos sacerdotes e levitas. No Novo Testamento, a palavra é utilizada referindo-se ao culto judaico, pois estava muito associada ao sacerdócio levítico. Para tratar da realidade cristã, o termo é empregado apenas para falar de um culto espiritual.

Na era patrística, o termo *leitourghía*, continuou sendo pouco utilizado. Mas além da acepção veterotestamentária, desponta na acepção do culto eucarístico. No Oriente, o termo já era utilizado apenas em referência à Eucaristia, ao passo que no Ocidente foi ignorado até o século XVI, quando, então, utilizavam-se palavras tais como *Officium*, *mysterium*, *sacramentum*, *opus*,

*ritus, actio e celebrativo*. Aos poucos o uso foi sendo incorporado nas celebrações Ocidentais, até mesmo pelas Igrejas da Reforma e, por fim, foi utilizado no Código de Direito Canônico de 1917, tornando-se usual na linguagem oficial da Igreja Latina.

Segundo Ratzinger, liturgia é o prelúdio da vida futura, pois recorda ao povo o que será vivido no Céu. “Assim, ela imprime também na vida real cotidiana os sinais precursores da liberdade, que derrubam as barreiras e deixam transparecer o céu na terra” (RATZINGER, 2015, p. 12).

### **O culto religioso: encontro entre Deus e os homens**

No Antigo Testamento, o culto religioso estava atrelado à memória da ação de Deus na vida do povo. Não havia ainda a plena consciência do culto religioso, que era adoração a Deus. O culto representava um retorno a Deus após a consciência de haver pecado. Aquele culto caracterizava-se pelos holocaustos de animais, sem, no entanto, ignorar a possibilidade dos holocaustos humanos, como se depreende da epístola ao Hebreus. Segundo o hagiógrafo, foi pela fé que Abraão oferecendo seu filho único a Deus, recuperou-o como metáfora da paixão morte e ressurreição de Cristo. Foi igualmente pela fé que Moisés, tendo os olhos fixos nas promessas messiânicas, evitou que o anjo exterminador ferisse de morte os primogênitos de Israel. Já no cristianismo, pelos mistérios da encarnação, morte e ressurreição do Verbo, o mesmo Verbo se faz culto, oferecendo-se a si mesmo como vítima expiatória. Assim, na plenitude dos tempos e, segunda a narrativa Neotestamentária, Cristo é o próprio Cordeiro imolado e primogênito de toda a Criação, que se dá como dom de Deus em expiação dos pecados de toda a humanidade. No entanto, o próprio Cristo deixa claro que o Espírito se sobrepõe ao rito:

Acredita-me, mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade. (Jo 4, 21-24).

Além do novo nascimento, o Espírito possibilita o culto espiritual, anunciado pelos profetas e predito pelo Salvador, que só seria possível ocorrer *em*

*verdade*, por meio de Jesus Cristo. Desse modo, segundo Augé, “a existência de Cristo é a plenitude do culto cristão” (2013, p. 32). Ele é o próprio culto, o sacerdote eterno, o templo e corpo da Igreja, cujos membros são os fiéis, e o único mediador da nova e eterna aliança. É também o novo modelo cultural; o povo já não necessita das leis e do templo, pois o Sacrifício de Cristo se sobrepõe às antigas práticas.

O culto cristão requer a ação do Espírito Santo e a acolhida da graça de Deus por parte do fiel. Jesus passou toda sua vida obedecendo ao Pai e servindo aos homens. Sua doação de si mesmo não constitui apenas um sacrifício ritual, mas uma vida inteira de sacrifício. Assim, o cristão deve seguir o exemplo de Cristo, tendo como ápice de sua experiência de fé, vivenciada através da liturgia, que é também o ápice da vida de Cristo. Na missa, o cristão oferece sua vida junto à oferta de Cristo, sem a qual não lhe é possível tornar-se um sacrifício agradável a Deus e útil aos irmãos. Portanto, há uma relação de dependência na existência cristã que explica a finalidade dos sacramentos, particularmente, a da eucaristia, que se dá mediante a participação na salvação em virtude da ação do Espírito sobre a assembleia, como antecipação da definitiva realidade escatológica. Neste sentido, a celebração eucarística se constitui no *Kayrós* da salvação, que é momento de graça, no qual, a salvação, realizada no passado, faz-se presente sacramentalmente, antecipando as realidades futuras. Sem a Eucaristia, a existência cristã não pode estar plenamente unida à existência de Cristo (AUGÉ, 2013, p. 35).

No parecer de Ratzinger.

A liturgia cristã é a liturgia da promessa cumprida, do movimento de busca da história das religiões que atingiu a própria meta, mas que permanece liturgia da esperança [...] A liturgia cristã é liturgia a caminho, liturgia da peregrinação rumo à mudança do mundo, que acontecerá quando Deus for “tudo em nós”. (RATZINGER, 2015, p. 43).

Ao longo dos séculos, a liturgia foi se desenvolvendo e, sobremaneira no Oriente, foi adaptando-se às culturas nas quais era inserida. No tempo apostólico, os cristãos reuniam-se em suas casas antes de irem ao templo para as orações. A *fração do pão* acontecia numa refeição comum e não havia regulamentação estável da liturgia, mas algumas fórmulas litúrgicas próprias. Segundo Augé (2013, p. 41), a liturgia foi estabelecendo-se sobre a mensagem

e a ação de Jesus, o mistério de sua morte e ressurreição, a conscientização de sua presença entre os fiéis e a ação do Espírito Santo.

Durante os séculos II e III, não houve grandes transformações. O culto caracterizava-se por uma improvisação baseada nos cânones que eram transmitidos de uma geração para outra. O primeiro templo cristão de que se tem conhecimento, fica na Síria. Trata-se da reordenação espacial de uma fortaleza, destinada especialmente às celebrações litúrgicas. O espaço arquitetônico foi dividido em dois ambientes: um destinado à oração e outro transformado em batistério.

No século IV, com a oficialização do cristianismo como religião, houve uma transformação decisiva na história da liturgia. O culto, anteriormente celebrado nas casas residenciais, passa a ser celebrado nos templos que, em conformidade com as demais religiões, era o local exclusivamente dedicado às celebrações religiosas, onde encontrava-se o altar fixo. A celebração do domingo passou a ser protegida pelo Estado, teve início a estruturação do calendário litúrgico e surgiram centros eclesiais com diferentes características nas celebrações rituais, donde surgiram as chamadas famílias litúrgicas, que são grupos de liturgias particulares formadas em diferentes localidades e culturas. No Oriente, havia três grupos: siro-oriental ou siro-mesopotâmico; calcedoniano e anticalcedoniano. Já no Ocidente, houve seis grupos de liturgia: romana; africana; galicana; hispânica ou hispano-moçárabe e ambrosiana (AUGÉ, 2013).

Durante a Idade Média, a liturgia ocidental caracterizou-se por reproduções e multiplicidade de ritos, causando vários problemas. Da criatividade, tanto dos fiéis quanto dos ministros sagrados, saíam orações privadas e exercícios devocionais dos mais variados. Ao longo do século VII, na época franco-carolíngia, pretendeu-se seguir a liturgia romana, mas na prática ocorria uma liturgia mista e marcada por alegorias, transformando os ritos em espetáculos. A queda do império carolíngio teve repercussões econômicas que deram origem ao feudalismo. No século IX, esta nova situação também influenciou a liturgia, dando origem a um individualismo litúrgico-devocional, cuja espontaneidade e sentimentalismo religioso culminaram em devocionalismo, substituindo a liturgia e distorcendo a piedade cristã.

Roma também foi influenciada pela queda do império carolíngio e sua importância foi diminuindo, enquanto crescia a civilização germânica. Cada

vez menos dirigia-se à Roma para sistematizar as celebrações. Os cerimoniais que tratavam dos ritos foram escritos com base na cultura gótica, como o *Pontifical romano-germânico*, escrito pelos monges da abadia de Santo Albano, por volta do ano 950. Entre os séculos IX e XI ocorreram controvérsias eucarísticas que tiveram seu ápice na segunda metade do século X, em uma grave crise na vida eclesiástico-cultural, que foram, no entanto, fundamentais para o desenvolvimento da liturgia eucarística.

No século XI, o Papa Gregório VII decidiu fazer uma reforma visando à consolidação de Roma, que promovia mudanças na vida eclesiástica e também na liturgia. Os objetivos eram “aumentar o apreço pelo sacerdócio, cultivar o sentido do mistério diante da ação litúrgica e abrir espaço para as devoções, ainda que sob roupagem litúrgica” (AUGÉ, 2013, p. 57). A reforma gregoriana se consolidou nos séculos seguintes através da atuação de outros papas, que realizaram mudanças nos livros.

No fim da Idade Média, havia uma decadência na espiritualidade e na vida litúrgica. Os fiéis possuíam uma piedade caracterizada pelo sentimentalismo. O subjetivismo gerou certo acúmulo e repetição nas práticas religiosas, inclusive nas missas e nas artes. Paralelamente, surge outro tipo de piedade, mais realística e voltada aos detalhes históricos da vida de Jesus. Também a piedade mariana e o culto dos santos tornam-se mais humanos e intimistas. Além disso, a partir do século XIII, a piedade popular ganha ainda mais força e torna-se mais proeminente do que a liturgia.

Terminada a Idade Média, já no século XVI, em meio a uma grande crise de teor moral e espiritual agravada ainda mais com os questionamentos da Reforma Protestante, o Pontífice, Paulo III, convocou um Concílio com o propósito de garantir a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, envolvendo tanto a *Cabeça* como os *membros* do Corpo de Cristo. O Concílio foi sediado na cidade de Trento, entre 1545 e 1563, e abordou as questões mais urgentes, até que em seu último período chegasse às reformas litúrgicas. O decreto dogmático *Doutrinas e cânones sobre o santíssimo sacrifício da Missa* definiu os pontos mais importantes da Missa, bem como comportamento durante a celebração. Tratou-se dos abusos e das atitudes que representassem falta de respeito ou que atrapalhassem o andamento da missa, também foram proibidas músicas que tivessem alguma secularidade, além de orações privadas e espontâneas por parte dos sacerdotes. Também neste decreto, foi definido “o caráter

sacrificial da missa, o seu valor propiciatório tanto para os vivos como para os defuntos” (AUGÉ, 2013, p. 62). Em 1568 surgiu o *Breviarium Romanum* e, em 1570, o *Missale Romanum*, seguidos das publicações dos outros livros nos anos seguintes. Segundo Augé, para compreender as determinações do Concílio de Trento, é necessário voltar-se para a atitude dos protestantes, que tinham boas sugestões para reformar a liturgia, mas acabaram eliminando elementos essenciais da mesma. Embora tenham suscitado uma forma congelada de celebrar a liturgia, as determinações do Concílio de Trento devem ser valorizadas, pois salvaram a liturgia da crise que caracterizou aquele mesmo século XVI.

Como resultado do Concílio de Trento, as artes e a literatura tomaram novo alento durante o século XVII, consistindo na exacerbação dos elementos simbólicos, tendo em vista a exaltação da Fé. Neste sentido, são utilizados efeitos de ilusionismo cenográfico que promovem a vitória e o triunfo do espírito renovado pelo Concílio de Trento. A missa passa a ser vista como um espetáculo assistido pelos fiéis. Houve certo retorno ao subjetivismo, sem os abusos do fim da Idade Média. No decorrer do século foi desenvolvida uma ciência litúrgica, baseada nos Padres da Igreja.

Ao final do século XVII a população europeia passou por uma crise que gerou o Iluminismo, movimento que formou o pensamento filosófico do século XVIII e que visava a combater a ignorância e a superstição através da análise racional dos campos da experiência humana. Na Igreja, esse movimento tentava encontrar um caminho para a essência lógica da liturgia. O problema foi que se chegou a um racionalismo exagerado que dessacralizava a Fé e que gerava até heresias modernas. Contudo, não foi um tempo infrutífero, mas, ao contrário, deu origem ao *Movimento Litúrgico*, pois houve teólogos muito comprometidos com uma nova reforma litúrgica.

Logo no início do século XIX, a restauração católica teve como objetivo reconstruir o que teria sido destruído pelo Iluminismo, buscando em Roma e na Alta Idade Média a origem da liturgia. Augé destaca o abade Prosper Guéranger, que em sua obra *L'Année liturgique* define a liturgia como a oração da Igreja, modelo de oração cristã que supera todas as formas particulares. Naquela mesma centúria, a atividade científica adquiriu mais importância, tendo como objeto a história da liturgia. A leitura dos Padres e o desenvolvimento da *Patrologia* possibilitaram análise da liturgia da Idade Média e tridentina.



O movimento litúrgico do início do século XX contou com a atuação de papas e teólogos, diferenciando-se do ocorrido no século anterior, devido a um caráter de maior autonomia. Nesta nova etapa, destaca-se o trabalho do beneditino Lambert Beaudouin. Em 1909, Beaudouin participou do congresso nacional das obras católicas de Malines, onde proclamou que “a liturgia constitui a catequese fundamental da doutrina cristã e o meio mais eficaz para estimular e alimentar a vida espiritual” (apud AUGÉ, 2013, p. 69). O movimento tornou-se mais popular após a Primeira Guerra Mundial. Na Alemanha, principalmente na abadia de Maria Laach, Odo Casei define a liturgia como “a celebração dos mistérios, na qual o ‘mistério primordial’, Jesus Cristo, se torna presente com sua ação salvífica como portador da salvação” (apud AUGÉ, 2013, p. 69-70). Enquanto isso, Romano Guardini levou o espírito da liturgia para os jovens e o austríaco Pius Parsch promoveu o movimento no ambiente paroquial.

Dando continuidade a esse processo de transformação e adaptação da liturgia, foi do Concílio Vaticano II, em especial da constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*, que brotou a maior reforma litúrgica dos últimos tempos. A *Sacrosanctum Concilium* trata do tema num plano teológico, concentrando-se no conteúdo de fé que deve ser expresso e não nos ritos em si. A liturgia foi resgatada do ritualismo que outrora lhe era imposto e de sua interpretação pelo aspecto estético e jurídico.

Com as normas do Concílio, mudou-se a forma de refletir sobre a liturgia, inserindo-a no contexto da Revelação, como história da Salvação. Neste sentido, a constituição dogmática reafirma que a obra da salvação é continuada pela Igreja e se realiza na liturgia (*Sacrosanctum Concilium*, n. 6). Assim, a liturgia é a verdadeira tradição, a transmissão do mistério salvífico de Cristo através de um rito que é adaptável de acordo com a diversidade de tempos e lugares, com uma parte essencial que deve permanecer imutável. Segundo o liturgista espanhol,

A visão ‘estático-jurídica’ é superada, direcionando a liturgia para uma perspectiva dinâmico-teológica: a liturgia é considerada sobretudo como a própria ação de Cristo no seu Corpo que é a Igreja (*Sacrosanctum Concilium*, n. 7). Cristo é o agente principal no rito e com o rito. Volta-se assim à linha original da liturgia, que é sacramental e que continua o mistério de Cristo na forma de mistério cultural. (AUGÉ, 2013, p. 74).

Os principais tópicos doutrinários destacados pela *Sacrosanctum Concilium* são: 1- Liturgia e economia sacramental da salvação – A Igreja foi instituída humana e divina por Cristo à Sua Imagem e é nela, através dos sacramentos, que se completa a salvação dos crentes; 2- Liturgia e mistério pascal – A salvação dos homens é prefigurada no Antigo Testamento, iniciada na Encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria e se cumpre no tríduo morte-ressurreição-ascensão de Cristo, sendo, portanto, um evento progressivo; 3- Liturgia e Igreja – A Igreja é o lugar onde é exercido o sacerdócio de Cristo, Corpo do qual Ele mesmo é a Cabeça, assim, as ações litúrgicas não são privadas, mas coletivas, em unidade; 4- A Liturgia e a escatologia – A liturgia é a prefiguração da vida celeste, onde o Eterno se faz contemporâneo, onde se encontram, na presença de Deus, a Igreja celeste e a peregrina, que está à espera da Glória.

Os critérios básicos para a reforma pós-conciliar são também de natureza teológica e foram originados nas questões apresentadas pelos documentos do Concílio. A abertura de uma parte maior para a língua vulgar, mais leituras da Sagrada Escritura, a simplicidade e linearidade da celebração e a funcionalidade do ambiente estão dentro do aspecto que trata da compreensão dos fiéis; a ligação entre tradição e progresso, na qual a Igreja não inventa novos ritos e formas litúrgicas, mas renova os já existentes na tradição; da dimensão eclesial da celebração, foram destacadas a necessidade da participação consciente e ativa dos fiéis, bem como a adaptação de acordo com as tradições dos povos e de cada comunidade paroquial e por fim, que os episcopados se comprometessem com as mudanças de acordo com as necessidades existentes e critérios apresentados.

### **O templo como lugar de encontro entre Deus e os homens**

A documentação conciliar, por vezes, apresenta o termo Igreja com duas acepções distintas: igreja como assembleia enquanto povo reunido e prefigurada ao Corpo Místico de Cristo (1Cor 12). A outra acepção do vocábulo é aquela em que a igreja é apresentada como templo ou construção arquitetônica destinada ao culto cristão e, seguindo a tradição medieval, é construída a partir do corpo humano (HANI, 1999). É a partir desta segunda abordagem que o presente estudo se desenvolve, considerando o sacrário como símbolo

do espaço físico, arquitetonicamente constituído como casa de oração, ou melhor, casa de Deus, em torno do qual se reúne o Corpo Místico de Cristo. Com efeito, a finalidade do sacrário outra não é senão conservar a presença da divindade sob a aparência do pão.

Em conformidade com a tradição veterotestamentária que tinha na arca da aliança lugar reservado para abrigar o Senhor enquanto se manifestava ao povo de Israel, o cristianismo adotou o tabernáculo para conservação da espécie consagrada, em torno do qual gira a espiritualidade dos católicos. Antes de abordar o tema específico deste trabalho, faz-se necessário abordar o espaço onde se desenvolve a Liturgia. Afinal, é neste espaço arquitetonicamente ordenado que se encontra o tabernáculo. Também já foi mencionado que dos tempos apostólicos até a oficialização do cristianismo como religião, o culto cristão acontecia em ambiente privado, nas casas dos fiéis. Ao tornar-se público, era necessário que o culto tivesse um espaço apropriado às celebrações litúrgicas. Após a liberdade de culto, algumas basílicas, que eram edifícios destinados a tratar de negócios públicos, foram adaptadas e transformadas em templos cristãos. Nos diversos tempos e povos, a arquitetura eclesiástica tomou diferentes formas, tamanhos e estilos, mas o templo cristão não se resume apenas a um espaço onde se desenvolve o culto cristão.

A propósito, Ratzinger (2015, p. 55) observa que a presença da assembleia é a grande diferença entre o edifício eclesiástico e os templos das religiões, incluindo a Antiga Aliança. De forma geral, todas concordam que o templo é o local da divindade. No entanto, o acesso ao templo nas outras religiões é restrito aos fiéis daquele credo. No Antigo Testamento, por exemplo, apenas o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos, e apenas uma vez por ano, enquanto os fiéis hebreus permaneciam no espaço a eles reservado. A igreja traz na origem de sua palavra, *domus ecclesiae*, o sentido de casa do povo de Deus. Portanto, igreja é o lugar onde o *povo de Deus* se reúne para adorar o seu Senhor, como uma grande família.

No Antigo Testamento, os profetas criticaram o uso do Templo e Jesus foi da mesma opinião. Ele mesmo frequentava o templo e o enaltecia. No Cristianismo, é reconhecida a necessidade de um local físico e ordenado, mas existe uma novidade, que é o fato de que a *Shekinah*, isto é, a presença de Deus, não está no espaço, mas no Corpo de Cristo, que é a Igreja enquanto povo reunido. Na concepção cristã, a casa de Deus “surgiu em estreita continuidade

com a sinagoga e que, sem dramáticas rupturas, recebeu a sua específica novidade cristã através da comunhão com Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado” (RATZINGER, 2015, p. 56). Além disso, Cristo não é apenas o local do culto, mas o eterno sumo sacerdote e o próprio culto perante o Pai no momento em que os fiéis se reúnem em torno Dele mesmo (RATZINGER, 2015). O Templo de Jerusalém não era apenas prefiguração do templo cristão, mas do próprio Cristo (Hb 9).

A constituição dogmática determina que o aspecto principal que deve ser contemplado na construção de uma igreja é a funcionalidade, “tanto para a celebração das ações litúrgicas, como para obter a participação ativa dos fiéis” (*Sacrosanctum Concilium*, n. 124). O edifício deve ser construído de acordo com o padrão estético contemporâneo, reunindo funcionalidade, simplicidade, beleza, decoro e deve conservar os valores simbólicos do lugar do culto cristão (AUGÉ, 2013).

Os principais elementos do espaço celebrativo são o altar, onde acontece o sacrifício eucarístico; a sede, local do presidente da assembleia; e o púlpito, onde é proclamada a Palavra. Além destes, também pode haver o batistério e o tabernáculo.

### **A Arca da Aliança como protótipo do sacrário e seus desdobramentos em diversas formas**

O *Thesaurus* de objetos do culto católico classifica o tabernáculo ou sacrário como mobiliário vinculado ao altar e o define como: “Armário, com porta fechada à chave, onde se guarda a reserva eucarística [...] Apresenta, geralmente, formas arquitetônicas mais ou menos desenvolvidas. Pode comportar uma estrutura que permita expor o Santíssimo Sacramento” (ROCCA *et al*, 2004, p. 50).

O Dicionário Aurélio dá algumas definições para tabernáculo e para sacrário. O primeiro termo tem como principal significado *templo portátil dos hebreus*, em seguida, *lugar reservado do templo de Jerusalém onde se encontrava a Arca da Aliança*, mais adiante, *local sagrado ou destinado a guardar objetos sagrados* e apenas como quarta definição *armário para guardar as hóstias consagradas*. Já o termo sacrário, Aurélio o define como *pequeno armário colocado sobre o altar e no qual se guarda o cibório*, apre-

sentado já na primeira definição. Vale citar também os seguintes significados atribuídos à palavra sacrário: *O íntimo, o mais recôndito do coração humano e lugar íntimo, lugar reservado onde se guardam coisas que apreciamos ou respeitamos*. Estes últimos, apesar de não se referirem ao armário chamado sacrário, cuja função é guardar as hóstias consagradas, definem qual deve ser o verdadeiro local da Eucaristia.

Segundo Ratzinger, “o escopo da Eucaristia é a nossa própria transformação, de forma que nos tornemos ‘um corpo e um espírito’ com Cristo” (RATZINGER, 2015, p. 76). Pelo mistério eucarístico o cristão se transforma em um só sacrifício juntamente com Cristo. Convertido, o indivíduo passa a viver coletivamente na Igreja, onde Cristo é tudo em todos (Cl 3, 11), buscando a santidade e desprezando os pecados que outrora o conduziam à morte. Os sacrifícios para obter o perdão dos pecados foram superados pelo Sacrifício de Cristo, que deu origem a uma Nova Aliança e também a um novo rito.

Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue é verdadeiramente bebida. Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele (Jo 6, 53-56).

Esta ideia de que a Eucaristia é alimento gerou debates em torno da adoração. Alguns argumentavam que ela deveria ser consumida e não adorada. E ainda, que adorá-la implicaria reduzir a Celebração Eucarística. A esses comentários, Ratzinger responde que apesar de serem provenientes de tradições antigas, ainda podem causar debates – reforçando a ideia de que esse alimentar-se é um acontecimento espiritual que contempla toda a realidade humana.

‘Alimentar-se’ dela significa adorá-la. Significa permitir que [ela] entre em mim, de tal modo que o meu eu seja transformado e se abra para o grande nós, para que nos tornemos ‘uma só coisa’ n’Ele (Gl 3, 28). Por isso a adoração não se opõe à comunhão, nem se situa ao seu lado: a comunhão só atinge a sua profundidade quando é sustentada e incluída na adoração. (RATZINGER, 2015, p. 79).

É neste sentido que o cristão se torna sacrário vivo, comungando e adorando “em espírito e verdade” (Jo 4, 24). A igreja onde há a Eucaristia é um espaço

sempre vivo, onde, mesmo nos horários em que não há celebração eucarística, recorda-se o Sacrifício de Cristo e desfruta-se de Sua presença real, sob a forma de pão, conservada no tabernáculo, “com toda decência possível”, segundo as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (VIDE, XXVII, § 94).

Se o Antigo Testamento consiste numa prefiguração do Novo, é natural que a Presença de Deus, isto é, a *Shekkinah*, também ocorra de maneira perfeita no Cristianismo. Jesus, Cordeiro sem defeito (Lv 22, 19), quis tornar-Se alimento para o corpo e para a alma dos seus discípulos e, antes de Sua Ascensão, prometeu que estaria com a Igreja todos os dias até o fim dos tempos (Mt 28, 20). Esta promessa não é apenas de uma presença espiritual, mas efetiva, ou seja, eucarística. No livro do Êxodo encontra-se o relato das orientações de Deus a Moisés, no que diz respeito à edificação da Tenda para morada da divindade, bem como do Tabernáculo e da Arca da Aliança:

Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles. Farás tudo conforme o modelo da Habitação e o modelo da sua mobília que irei te mostrar. Farás uma arca de madeira de acácia [...]. Tu a cobrirás de ouro puro por dentro e por fora, e farás sobre ela uma moldura de ouro ao redor. E colocarás na arca o Testemunho que te darei. (Ex 25, 8-11.16).

De fato, como testemunho da Aliança, no seu interior a arca haveria de trazer as tábuas do decálogo, prefigurando a palavra, o cajado de Aarão, simbolizando os grandes feitos do Senhor, e uma porção do maná, que prefigurava a eucaristia (Hb 9,4; FRAGOSO, 2012, p. 228). Além do mais, haveria ainda de prefigurar a Virgem Maria, por carregar o Verbo em seu ventre.

Durante a caminhada do povo de Israel para a Terra Prometida e, mesmo depois de sua instalação na mesma, a Arca circulava entre o povo. Davi, enquanto reinava, ordenou que a Arca fosse estabelecida em Jerusalém. Com o passar do tempo, Davi confidenciou ao profeta Natan seu desejo de construir um Templo, para que a Arca habitasse em lugar mais digno e de mais prestígio do que ele próprio. Com efeito, Davi habitava palácio de cedro, enquanto a Arca de Deus habitava em Tenda (2Sm 6-7). Contudo, foi Salomão, seu filho, quem construiu o Templo (1Rs 6) e trasladou a Arca de Deus para o seu local apropriado, que é o Santo dos Santos (1Rs 8, 1-13).

Até então, a Arca da Aliança guardava apenas as tábuas da Lei (1Rs 8, 9). Posteriormente, passou a abrigar também uma porção do Maná e a vara de

Aarão (Hb 9, 4), em memória de quando Deus alimentou o povo no deserto e ordenou que uma porção do Maná fosse conservado para que as gerações seguintes soubessem o que era o pão descido do céu (Ex 16, 32-33). Por outro lado, o cajado de Aarão lembrava a escolha da Casa de Levi para o serviço sacerdotal (Nm 17, 23), a travessia do Mar Vermelho (Ex 14, 15-31) e a água brotada da rocha (Nm 20, 1-11). Em Cristo, é cumprida a promessa de Deus a Ezequiel:

Concluirei com eles uma aliança de paz, a qual será uma aliança eterna. Estabelecê-los-ei e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha Habitação estará no meio deles: eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Assim saberão as nações que eu sou o Senhor, aquele que santifica Israel, quando o meu santuário estiver no meio deles para sempre. (Ez 37, 26-28).

Em suma, Jesus é o próprio Santuário, o sacrifício e a oferenda. Simultaneamente Ele é a oferenda e o Sacrificador de sua própria vida. Em cada celebração da Eucaristia, é renovada a oferenda de Si mesmo até que Ele venha novamente (1Cor 11, 26). Enquanto isso, no entender de Ratzinger, é a participação dos fiéis no seu devido tempo “com o mistério pascal de Cristo, em sua passagem da tenda da transitoriedade para a presença da face de Deus” (RATZINGER, 2015, p. 50). Se Cristo é também a Lei, dando-lhe pleno cumprimento, o pão vivo descido do céu (Jo 6, 32-51), e o Sacerdote eterno que imola a Si mesmo, a Arca da Aliança, enquanto local físico, é o sacrário. A Arca da Aliança, por ser o local de comunicação entre Deus e Moisés e por conter as tábuas da Aliança, prefigura a Palavra. Prefigura ainda a Eucaristia, por trazer o uma porção do Maná.

A prática da devoção à Eucaristia começa a ser delineada, ao longo do século VIII, com o chamado Milagre Eucarístico de Lanciano, quando, então, o pão e o vinho transformam-se em carne e sangue humano. Por conseguinte, ao longo dos primeiros séculos do cristianismo não havia necessidade do tabernáculo. De acordo com Ratzinger (2015), havia inicialmente o escrínio da palavra e depois, sobretudo, o altar. Este era protegido por um cibório, que possuía um véu entre suas colunas. Isso era o que assinalava a sacralidade do ambiente.

Até o século IX, havia o costume de os fiéis levarem hóstias consagradas para suas casas. Essa prática é corroborada por Santo Hipólito, no início do século III, quando parte das hóstias consagradas nas missas dominicais eram

levadas pelos fiéis, que as consumiam no ambiente doméstico. Na segunda metade do século IV, São Justino confirmou a guarda da Eucaristia para que fosse levada aos enfermos e ausentes. Além disso, até o século XVIII, concedia-se permissão para carregar as Espécies Sagradas em viagens de longa duração e missões árduas. O tabernáculo era ricamente adornado e escoltado por uma cavalaria do clero (MARTINS, 1998, p. 338).

Por outro lado, havia também o costume de conservar algumas hóstias consagradas dentro das igrejas. O Concílio de Niceia (325) estabeleceu que penitentes em perigo de vida recebessem o sacramento. Portanto, era necessário que parte das hóstias consagradas fossem conservadas dentro das igrejas, a fim de atender aos que dela necessitassem. Também era comum guardar algumas espécies para facilitar seu envio a outras igrejas, como sinal de união e comunhão da paróquia com o Bispo (MARTINS, 1998, p. 338).

A partir do século IX, com os debates e esclarecimentos teológicos sobre a Eucaristia, passou-se a depositar as espécies consagradas somente nos templos, a fim de reforçar a certeza da Presença Real de Cristo na Eucaristia e evitar possíveis profanações. A obrigatoriedade de um local fixo para a Eucaristia gerou a adoção de diversas soluções para acondicioná-la, como caixas-relicário, tabernáculos móveis, pombas e torres eucarísticas. Estes locais eram sempre fechados à chave, onde se colocava a píxide com a reserva eucarística. Segundo Martins (1998), essas caixas normalmente eram construídas em formas cilíndricas, em madeira ou marfim e, raramente, em metais preciosos. Essas caixas eram guardadas em armários num local situado ao lado do altar, como a sacristia. Os sacrários turriformes foram, de certo modo, influenciados pelos exemplares da Gália, que eram coroados por um elemento cônico chamado *Turriculum* ou *Turris* – pequenas torres, em português. Ao longo dos séculos, surgiram diversos outros tipos de sacrários.

. Arca ou *propitiatorium*: Tabernáculo móvel de pequenas dimensões, executado em madeira ou metal, habitualmente colocado sobre o altar ou atrás do mesmo. Na prática, era um tipo de tabernáculo de pequenas dimensões. O IV Concílio Lateranense prescreveu que fosse fechado à chave e estivesse bem seguro (MARTINS, 1988, p. 339).

. Cofre eucarístico: Caixa de pequenas dimensões com tampa abaulada ou segmentada, portando fechadura, feita em metais preciosos, utilizada para transportar as hóstias em cortejo solene antes da Eucaristia. Em Portugal,



há exemplares dos cofres em materiais exóticos como casco de tartaruga ou madrepérola (ROCCA *et al*, 2004, p. 126).

. Tabernáculo móvel ou sacrário portátil: Caixa cuja face anterior se abre em duas folhas, apresentando dois castiçais de placa e cortinas, utilizada para o transporte e a exposição de píxide, quando não for possível utilizar o sacrário sobre o altar, geralmente em celebrações no exterior da igreja (ROCCA *et al*, 2004, p. 131).

. Suspensão eucarística: Estrutura que sustenta o recipiente da reserva eucarística localizada acima do altar e ligada ao baldaquino, ao quadro do altar ou ao retábulo. A reserva eucarística poderia ser guardada em uma píxide, ou em uma pomba com abertura no dorso (ILUSTRAÇÃO 1), entre outros (ROCCA *et al*, 2004, p. 51).

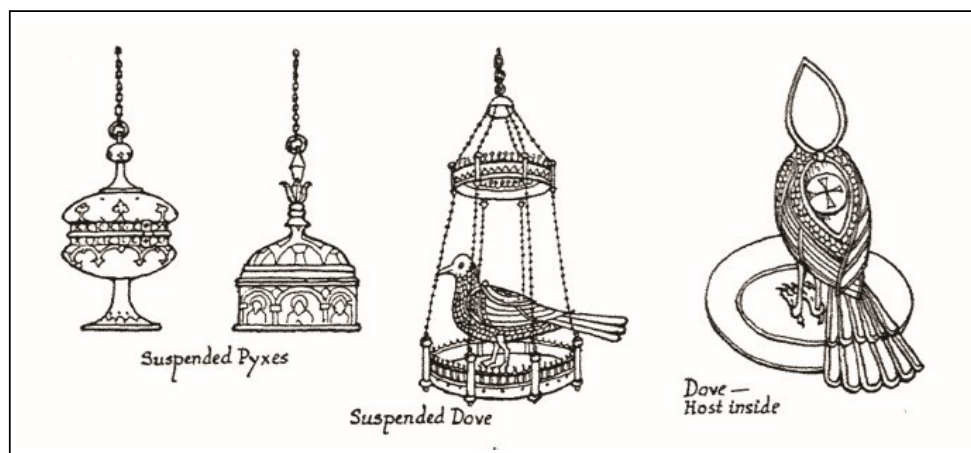


Ilustração 1 – Píxides e pomba eucarísticas suspensas<sup>1</sup>

. Pomba eucarística: Vaso sagrado em forma de pomba (ILUSTRAÇÃO 2), utilizado para guardar as hóstias consagradas. Normalmente era feita de metal e seu interior, se não fosse de ouro, devia ser dourado. No dorso, apresenta uma abertura por onde se depositava a Eucaristia. Estava ligada a uma suspensão eucarística sobre o altar (ROCCA *et al*, 2004, p. 130). De acordo com a matéria publicada no site da Diocese de Albi, em 2016, a Catedral de Santa Cecília, na França, resgatou a utilização da Pomba Eucarística em sua capela do Santíssimo Sacramento (DÉDICACE *d'un nouvel autel à la Cathédrale Sainte-Cécile*. Disponível em: <http://albi.catholique.fr/dedicace-dun-nouvel-autel-a-cathedrale-sainte-cecile/>. Acesso em: 18 abr. 2018). Não é a

<sup>1</sup> Fonte: Ordinariateexpats.wordpress.com Disponível em: <https://ordinariateexpats.wordpress.com/2012/12/12/the-hanging-pyx-a-part-of-the-anglican-patrimony/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

primeira vez que o objeto é reutilizado. Em 1701, o arcebispo Dom Charles Le Goux de la Berchere tinha uma suspensão eucarística no altar-mor do grande coro, visando a retornar a uma tradição ainda mais antiga. A matéria traz, ainda, a relação que o teólogo Mathias Joseph Scheeben fez entre a Eucaristia e o Espírito Santo, dando sentido ao uso da pomba eucarística:

O sopro do seu amor [o Espírito Santo] exorta o Filho a entregar-se a nós na Encarnação e na Eucaristia; chama do seu santificador e paixão unificadora, que opera no seio da Virgem Maria, a união hipostática e a santidade da natureza humana do Filho na Eucaristia, a transformação de substâncias terrenas nas de carne e osso. Que era belo e significativo, o antigo costume de manter a Eucaristia no símbolo do Espírito Santo, em um vaso em forma de pomba, o *peristerium*. Como bem simbolizava o Espírito Santo, que nos traz o dom contido neste vaso e que vive este dom com sua essência e virtude, envolvente e penetrante à medida que o fogo envolve e penetra o carvão. (SCHEEBEN, 2016).



Ilustração 2 – Pomba eucarística. Primeiro quarto do séc. XIII. Museu da Idade Média, França. Fonte: Site do Museu da Idade Média.<sup>2</sup>

. Torre eucarística: Armário em forma de torre (ILUSTRAÇÃO 3) para guardar a reserva eucarística ou os Santos Óleos, colocados perto do altar ou sobre o retábulo. Trata-se de uma das antigas formas de sacrário (ROCCA *et al*, 2004, p. 51). Segundo Martins (1998), foi desenvolvida no Norte da Europa, especialmente na Alemanha. Normalmente, as torres eram feitas em madeira ou mármore e possuíam uma luneta de vidro que possibilitavam a exposição permanente do Santíssimo Sacramento.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.musee-moyenage.fr/collection/oeuvre/colombe-eucharistique.html>. Acesso em: 15 abr. 2018.



Ilustração 3 – Torre Eucarística (Edícula de Saint Berlande). 1540. Thin Le Moutier, Ardenas, França. Fonte: Portal do Patrimônio Cultural de Champagne-Ardenne.<sup>3</sup>

. Armário eucarístico ou mural eucarístico: Pequeno armário para guardar a Reserva Eucarística, colocado junto ao altar-mor, no lado do Evangelho. Trata-se de um nicho aberto na parede e com portas fechadas à chave (ROCCA *et al*, 2004, p. 49). Segundo Martins, esta tipologia teve grande adesão, principalmente na Itália e na Alemanha, devido à maior segurança e funcionalidade.

Conforme já abordado, o Concílio de Trento teve um papel fundamental para a Igreja na diligência de solucionar as crises que ocorreram, particularmente nas proximidades do século XVI. Dentre elas, a Reforma Protestante, que contestava diversos pontos fundamentais da Fé Católica, tais como a necessidade dos sacramentos para a vida cristã. Esse Concílio afirmou a primazia da Eucaristia em relação aos demais sacramentos e definiu questões relacionadas

<sup>3</sup> Disponível em: <http://inventaire-patrimoine.cr-champagne-ardenne.fr/dossier/tour-eucharistique-dit-edicule-de-sainte-berlande/8a634572-cfc5-4922-94d3-ba164185a0fa>. Acesso em: 21 abr. 2018.

às práticas celebrativas e cultuais que haviam sido alvo de crítica por parte dos reformadores protestantes, alicerçando alguns aspectos doutrinários. Naquela ocasião, definiu-se que a Eucaristia deveria ser distribuída aos fiéis na totalidade, podendo ser conservada no sacrário para ser ministrada aos doentes, para ser exposta e adorada em culto de *latria*, isto é, como se adora o próprio Deus, e transportada em procissões, especialmente na celebração de *Corpus Christi*. Segundo Martins, pode-se “dizer que, a partir deste Concílio, se renova o fenômeno devocional da visão da hóstia, fenômeno coletivo de grande impacto na Idade Média e que, agora, surge de novo” (MARTINS, 1998, p. 342).

Para facilitar a adoração à Eucaristia, foi estabelecido que o tabernáculo deveria ser colocado em posição destacada, ou seja, no altar. Assim, os armários e tabernáculos murais de outrora serviriam para guardar os Santos Óleos. Martins destaca São Carlos Borromeu, em Milão, e Monsenhor Matteo Gilberti, em Verona, como os principais difusores da nova norma acerca do sacrário na Itália, mandando que fosse fixado sobre o altar-mor das catedrais e que as igrejas paroquiais tivessem essa adaptação feita por seus párocos. O Papa Paulo IV determinou que a mudança fosse feita nas igrejas da diocese de Roma. Fora da Itália, a reforma se deu lentamente. Aos poucos, o sacrário foi desenvolvido artisticamente, sendo executado segundo a forma vigente da época pós-tridentina. Para inserção do sacrário junto ao altar, era construída uma estrutura retabular, de modo que todos os objetos fossem unificados. Nos retábulos também são colocados nichos e pias para as imagens dos santos, cuja *dulia* ou veneração, também fora reafirmada no referido Concílio.

As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (Título XXVII, parágrafo 94), de acordo com as normas tridentinas, orientam que o sacrário deveria ser localizado no Altar-mor ou em outro altar cujo espaço e ambiente comportem melhor o culto ao Santíssimo Sacramento. Neste sentido, surgiram as capelas do Santíssimo Sacramento, localizadas normalmente nas laterais das capelas-mor. O documento diz também que a Reserva Eucarística deveria ser conservada “com toda a decência possível” e que os sacrários deveriam ser dourados por fora e, se possível, também por dentro “e quando não possa ser, serão por dentro forrados de cetim, damasco, veludo raso carmesim, ou ao menos, tafetá da mesma cor, para que pareça digno aposento, em que está encerrado Jesus Cristo Nosso Senhor” (VIDE, 1707, p. 42).

Após o Concílio Vaticano II, o Missal Romano (N. 314-317) recomenda que o Santíssimo Sacramento seja conservado em uma capela destinada à

oração e adoração privada dos fiéis e que, onde isto não for possível, deve-se guardar as hóstias consagradas em lugar de honra na igreja, de acordo com a arquitetura do templo. Tal espaço deve ser organicamente unido à igreja e visível aos fiéis. Determina-se que a Eucaristia deve ser guardada num único tabernáculo, fixo, sólido, não transparente e inviolável, de forma que se evite profanações. Desta maneira, toda igreja deve ter apenas um sacrário e para seu uso litúrgico. É permitido que o tabernáculo seja colocado no presbitério, desde que fora do altar de celebração (ILUSTRAÇÃO 4).



Ilustração 4 – Altar-mor da Igreja de São Nicolau de Arena. Verona, Itália. Foto: Fernanda Serrano. Enviada em: 13 abr. 2018.

## **Tabernáculo e iconografia: imagem de Deus aos olhos do povo**

### **O sacrário e o simbolismo que revela o Deus Abscôndito**

Sobre a arte sacra, o Sagrado Magistério afirma que é a expressão da infinita beleza de Deus através das mãos do homem e que deve conduzir o espírito do homem à presença da divindade. Deste modo, é orientada para o louvor e glória de Deus (*Sacrosanctum Concilium*, n. 122). O documento deixa claro o caráter funcional da arte no cotidiano da Igreja, que sempre optou por artistas

e obras que estivessem em consonância com a fé e com a piedade, bem como com as orientações da tradição. Além disso,

A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados. (*SACROSANCTUM CONCILIUM*, n. 123).

De fato, a Igreja nunca se limitou a um estilo, mantendo sempre os mesmos critérios sobre os objetos religiosos, que deveriam ser dignos, decorosos e belos, além de servir ao culto. Neste sentido, a execução dos tabernáculos sempre esteve condicionada ao estilo vigente na época, bem como aos fatores supracitados.

Evidentemente, a função do tabernáculo consiste na guarda da Eucaristia. Entretanto, além da dignidade para tão importante fim, ele possui característica decorativa e artística, provendo beleza ao ambiente. Assim sendo, o sacrário é construído com a finalidade de portar a Reserva Eucarística, mas também possui um caráter evangelizador, pois é adornado com imagens e símbolos da tradição cristã (FRAGOSO, 2018). É difícil definir uma iconografia própria dos sacrários. Contudo, devido ao aspecto funcional, é possível identificar uma constância temática, normalmente, acompanhada de símbolos que remetem à Eucaristia e à Paixão de Cristo. Dentre esses elementos simbólicos estão:

- A Eucaristia racionada, elevada sobre a âmbula ou num ostensório, portando a inscrição IHS (*Iesus Hominum Salvator*, que significa Jesus Salvador dos Homens).
- O pelicano, remetendo à ideia de que Cristo deu sua própria Carne como alimento aos seus filhos, tal como acreditava-se ser a prática do pelicano para com seus filhotes.
- O Cordeiro de Deus, que é o próprio Cristo (Jo 1, 29), que dando origem à Nova e Eterna Aliança, toma o lugar dos cordeiros outrora sacrificados para expiar os pecados do povo. Este Cordeiro aparece representado com diversas variações de elementos, mas normalmente sobre um livro, do qual jorram os sete sacramentos.
- O Lagar Místico (Mt 21, 33-43), no qual, através de Sua Cruz, Cristo oferece Seu Sangue como bebida a ser transubstanciada no vinho. Também

há variações dessa iconografia, por vezes sendo colocada apenas a Cruz com alguns cachos de uvas e espigas de trigo.

Há, ainda, exemplares que exigem um pouco mais de atenção do espectador para um entendimento mais profundo sobre a Fé cristã, como o sacrário de prata da Sé do Porto, em Portugal. Feito em uma estrutura arquitetônica de formato turriforme, cuja mensagem “reproduz um autêntico compêndio da História da Salvação” (MARTINS, 2002, p. 200), pois reúne em si diversas cenas e alegorias que vão da Criação do Homem até sua glorificação em Cristo Ressuscitado.

É mais comum encontrar tabernáculos esculpidos apenas com imagens de baixo relevo. Mas também é possível ver exemplares com pinturas, como o da Catedral de Salamanca, na Espanha (ILUSTRAÇÃO 5). Também há os que contêm esculturas tridimensionais, como o supracitado sacrário da Sé do Porto. É pertinente citar, ainda, a obra de Cláudio Pastro, na Basílica Nacional de Aparecida (ILUSTRAÇÃO 6), em Aparecida – SP. Ao invés de imagens, na porta do sacrário está reproduzida uma perícope do Evangelho segundo São João: “A Palavra se fez Carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).



Ilustração 5 – Pinturas no sacrário da Catedral de Salamanca. Espanha. Foto: Juliana Costa. Em: 07 abr. 2018.



Ilustração 6 – Sacrário da Basílica Nacional de Aparecida. Aparecida, SP. Foto: Giselle Gouveia. Em: 17 mar. 2018.

Visando a evidenciar a sacralidade, algumas igrejas decidem cobrir o sacrário com um véu, também chamado conopeu (ILUSTRAÇÃO 7), estabelecendo relação com o Antigo Testamento, quando o Santo e o Santo dos Santos eram separados por um véu (Ex 26, 31-37). Por vezes o véu substitui ou cobre a porta do sacrário. Também por vezes, o véu é posto em forma de cortina na abertura da porta, sendo visível apenas quando a porta é aberta. Ou ainda, o véu pode apenas envolver o sacrário por fora.



Ilustração 7 – Véu envolvendo sacrário. Basílica do Museu Canônico, Verona, Itália. Foto: Fernanda Serrano. Em: 16 abr. 2018.



É oportuno citar também o sacrário-expositório (ILUSTRAÇÃO 8), “sacrário que se insere numa estrutura fixa para a exposição eucarística” (ROCCA *et al*, 2004, p. 50). Este tipo de tabernáculo, além de conferir praticidade, ressalta a relevância da adoração ao Santíssimo Sacramento. Quanto à localização, muitas igrejas têm adotado a capela do Santíssimo Sacramento, visando a atender as determinações do Concílio Vaticano II. Há, no entanto, aquelas nas quais foram mantidos os sacrários no altar-mor.



Ilustração 8 – Sacrário-expositório. Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, Rio de Janeiro, RJ. Foto: Jéssica Fernandes. Em: 02 de out. 2017.

## Considerações finais

A *Sacrosanctum Concilium* determina que o edifício deve ser construído de acordo com o padrão de beleza em voga, reunindo funcionalidade, simpli-

cidade, beleza, decoro e deve conservar os valores simbólicos do lugar do culto cristão (AUGÉ, 2013). Sendo assim, os principais elementos no espaço celebrativo são o altar, a sede e o púlpito. Além destes, pode haver também o batistério e o tabernáculo. Este último, o sacrário, destinado a guardar a reserva eucarística, é definido como um móvel ou um bem integrado à construção do templo e que pode assumir diversas formas. Recebe o nome de sacrário por guardar o Corpo de Cristo transubstanciado sob a forma de pão. A reserva desse pão consagrado tem dupla finalidade, a saber, alimentar espiritualmente aqueles que não puderam participar da celebração da missa, mais particularmente os enfermos, e para que os fiéis possam adorar o Deus humanado em espírito e verdade, mediante um ato de fé, acompanhado de gestos ou ações.

No Antigo Testamento, Deus ordena a Moisés a construção do Templo. Quando esse foi construído, a Arca da Aliança foi transladada para o Santo dos Santos e, naquele lugar, habitava a *Shekkinah*, entendida como a Presença de Deus. Se a tradição veterotestamentária prefigura a Nova Aliança, a Presença de Deus também ocorre de maneira perfeita no Cristianismo. Em Cristo se cumpre a promessa que Deus fez ao povo através do profeta Ezequiel (37, 26-28). Esta promessa não se refere apenas a uma presença espiritual, mas efetiva, ou seja, eucarística, o que implica íntima comunhão entre Deus e os homens.

Mediante a encarnação do Verbo, Jesus Cristo, sob as duas naturezas, Deus e Homem, torna-se Santuário, sacrifício e oferenda. Neste sentido, Ele é também cumpridor da Lei estabelecida com Moisés e a realização do que prefigurava a Tenda, a Arca da Aliança e o pão vivo descido do céu. Deste modo, a Arca da Aliança prefigura a Palavra, pelo Verbo que assume a forma humana, e por ser lugar de encontro entre Deus e os homens. As tábuas da Aliança, contidas na Arca, prefiguram igualmente a Palavra. O Maná, por sua vez, igualmente contido na Arca, é a prefiguração da Eucaristia que se dá na consumação do pão transubstanciado no Corpo de Cristo.

Apenas na Idade Média os cristãos tomaram plena consciência da Presença Real de Cristo na Eucaristia. Assim, não havia espaço determinado para a Reserva Eucarística e grande parte das hóstias consagrada eram levadas pelos fiéis para a comunhão doméstica e para os enfermos. Por outro lado, era necessário que algumas hóstias fossem mantidas nas igrejas para casos de

emergências. A partir do século IX, com os esclarecimentos teológicos acerca da Presença Real, as hóstias passaram a ser conservadas apenas nas igrejas. Assim, diversas soluções foram tomadas para o acondicionamento da reserva eucarística e foi assim que começaram a surgir os sacrários. Inicialmente sob a forma de caixas-relicário, na medida em que o tempo passava, os sacrários foram assumindo diferentes formas. Surgiu então, o tabernáculo móvel, vinculado simultaneamente à forma do Templo, pela compleição humana, e à Arca da Aliança, vinculada ao Coração de Cristo. Dessa forma, o Templo prefigurava o Corpo de Cristo sob a forma humana e, por conseguinte, material e externo, ao passo que a Arca da Aliança, contida no interior do Templo, prefigurava o Coração do Deus humanado. Também não tardou em surgir o sacrário em forma de pomba. Este por sua vez, vincula-se ao Espírito Santo, o responsável pela encarnação do Verbo. Sendo O Corpo de Cristo um bem precioso, surgiu então o sacrário em forma de torre, simbolizando a fortaleza que abriga o Rei dos Reis. Estes locais eram sempre fechados à chave e colocados em local próximo ao altar, como a sacristia.

A partir do século XVI, houve o surgimento dos protestantes, contrários à doutrina católica, incluindo a Eucaristia. A fim de combater essa heresia, o Concílio de Trento definiu que a Comunhão deveria ser distribuída a todos os fiéis. Visando aos que não podiam participar da missa, o Concílio facultou a conservação da espécie no sacrário, a fim de socorrer os que estivessem em perigo iminente, particularmente os enfermos. Naquela mesma ocasião, permitiu-se a exposição e adoração da Eucaristia em culto de *latria*. Permitiu-se igualmente transportar O Santíssimo Sacramento em procissões, especialmente na celebração de *Corpus Christi*. Neste contexto, a adoração ao Santíssimo Sacramento ganhou maior proporção, bem como a relevância do sacrário dentro do templo. Para facilitar a adoração à Eucaristia, foi estabelecido que o tabernáculo deveria ser colocado no altar, para que estivesse em posição destacada. Isto ocasionou a construção de sacrários grandiosos, inseridos em grandes retábulos.

Os documentos atuais orientam que o tabernáculo seja colocado em um espaço propício à oração pessoal e à adoração, de preferência numa capela reservada ao culto eucarístico, ou no presbitério, contanto, que seja fora do altar de celebração.

O Magistério da Igreja estabelece que a Arte Sacra deve, sobretudo, ser funcional. Além disso, os sacrários em questão aqui devem ser dignos, deco-

rosos e belos, pois exprimem a infinita beleza de Deus através das mãos do ser humano. Assim, a Igreja nunca adotou um estilo como seu, mas aceitou os variados estilos dos diversos povos e épocas, desde que atendessem os critérios estabelecidos. Isto porque na Igreja, a arte deve utilizar símbolos cristãos, de modo a criar uma relação entre o símbolo e a realidade a que ele se refere. Esta representação plástica deve ser feita de forma clara, para que o símbolo não represente um empecilho para o fiel, mas sim um veículo de comunicação que o ajude a elevar sua espiritualidade.

A temática mais comum na arte dos sacrários é a Eucaristia, neles são representados diversos símbolos eucarísticos, como o Lagar Místico, o Cordeiro Redivivo, o Pelicano e a hóstia racionada. Além disso, há exemplares que podem evocar diversos símbolos da História da Salvação. Há, ainda, os tabernáculos cobertos de diferentes modos pelo conopeu, o que também denota a sacralidade do objeto. Também as técnicas artísticas empregadas na construção dos sacrários são variadas, prevalecendo a escultura em baixo relevo, podendo haver pinturas, encolagem e diversas outras técnicas. Os tamanhos e formas também variam, podendo destacar-se o sacrário-expositório, que possui uma estrutura para exposição do Santíssimo Sacramento.

Longe do propósito de esgotar o tema ora proposto, o texto é aqui apresentado como abertura e estímulo para novas pesquisas sobre as mais variadas lentes do conhecimento humano.

## Referências

AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, celebração, teologia, espiritualidade*. 4 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BÍBLIA *Sagrada de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

CLAVAL, Paul. *Religion et idéologie: perspectives géographiques*. Paris: PUPS, 2008.

*Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium*. Roma: 1963. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html). Acesso em: 29 jan. 2018.

CONGREGAÇÃO para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 7 ed. Brasília: CNBB, 2008.

*DICIONÁRIO Aurélio*. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 29 jan. 2018.

*DÉDICACE d'un nouvel autel à la Cathédrale Sainte-Cécile*. Disponível em: <http://albi.catholique.fr/dedicace-dun-nouvel-autel-a-cathedrale-sainte-cecile/>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FRAGOSO, Mauro Maia. Elementos simbólicos na talha da Capela do Santíssimo Sacramento na Igreja Abacial Nossa Senhora do Monserrate: Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. *Coletânea*, ano 11, n. 22, p. 217-250, jul./dez. 2012.

FRAGOSO, Mauro Maia. Uma proposta para estudo da imaginária cristã a partir de Romano Guardini e o contexto cultural da obra. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 145-166, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/142/112>. Acesso em: 29 jan. 2018.

HANI, Jean. *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70, 1999 [1981]. Disponível em: <https://archive.org/details/pdfy--qBBt5VYzDmKbjxp>. Acesso em: 10 mai. 2018.

*INSTRUÇÃO Redemptionis Sacramentum*. Roma: 2004. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20040423\\_redemptionis-sacramentum\\_po.html#\\_ftn221](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html#_ftn221). Acesso em: 26 jan. 2018.

*INTRODUÇÃO Geral do Missal Romano*. Roma, 2002. Disponível em: [http://www.liturgia.pt/edrel/pdf/IGMR\\_Sinopse.pdf](http://www.liturgia.pt/edrel/pdf/IGMR_Sinopse.pdf). Acesso em: 26 jan. 2018.

MARTINS, Fausto. Estudo Iconográfico do Retábulo-Sacrário da Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Caminha. *Revista da Faculdade de Letras*. II Série. Vol. V. Porto: 1998. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8570/2/2115.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2018.

RATZINGER, J. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ROCCA, S.V. *Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico*. Versão Portuguesa: GUEDES, N.C.; ROQUE, M.I.; GUERREIRO, D. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa – Fundação da Casa de Bragança, 2004.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Bahia: 1707. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222291>. Acesso em: 26 jan. 2018.

Artigo recebido em 07/03/2019 e aprovado para publicação em 25/03/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i35-2019-7>

**Como citar:**

FRAGOSO, Mauro Maia; PEREIRA, Jéssica Costa Fernandes. E habitarei no meio deles: Um estudo sobre as diversas formas de sacrários. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 161-190, jan./jun. 2019. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)